



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ISABELLA DE ANDRADE PEREIRA

***OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO: UMA LEITURA SOBRE O HERÓI
PROBLEMÁTICO NO ROMANCE DE ERICO VERISSIMO***

João Pessoa
2022

ISABELLA DE ANDRADE PEREIRA

***OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO: UMA LEITURA SOBRE O HERÓI
PROBLEMÁTICO NO ROMANCE DE ERICO VERISSIMO***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação dos Cursos
de Graduação presenciais de
Licenciatura em Letras, da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para obtenção do título de
Licenciada em Letras – Língua
Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Arturo Gouveia
de Araújo.

João Pessoa
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436o Pereira, Isabella de Andrade.

Olhai os lírios do campo: uma leitura sobre o herói problemático no romance de Érico Veríssimo / Isabella de Andrade Pereira. - João Pessoa, 2022.
46 f.

Orientação: Arturo Gouveia Araújo.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Veríssimo, Érico. 2. Romance. 3. Lukács. 4. Herói problemático. I. Araújo, Arturo Gouveia. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-31(81)

ISABELLA DE ANDRADE PEREIRA

***OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO: UMA LEITURA SOBRE O HERÓI
PROBLEMÁTICO NO ROMANCE DE ERICO VERISSIMO***

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 30/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Orientador

Profa. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Examinadora

Ma. Fernanda Diniz Ferreira
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Examinadora

Dedico este trabalho a Tereza Ferreira de Andrade (*in memorian*), minha avó, impedida de estudar pela ignorância do seu tempo; a Kleber Marques de Araújo (*in memorian*) que partiu sem realizar o sonho de se graduar nesta instituição; e a Laura Andrade de Souza, minha sobrinha-filha, para que conquiste muitos sonhos através dos estudos.

A vida começa todos os dias. (Erico Verissimo)

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio em todos os momentos.

Aos meus pais, Ivonete e José pelo exemplo, apoio e dedicação. Por reverter todo esforço em prol da subsistência e educação das duas filhas.

A Manuella, minha irmã, pelo exemplo de estudante e leitora. Por todas as sugestões de leitura e por se fazer sempre presente.

Ao professor Arturo Gouveia, pela paciência e disponibilidade no desenvolvimento do trabalho. Pelos valiosos conhecimentos sobre Literatura, Crítica Literária e Sintaxe. Por todas as aulas, orientações e indicações que contribuíram para a minha formação.

A professora Amanda Ramalho, por todo carinho e sensibilidade que sempre teve comigo. Por acreditar no meu potencial, mesmo quando eu não acreditava. Por todas as contribuições artísticas, responsáveis por ampliar minha visão de mundo. Por ser exemplo de pessoa e profissional.

A Fernanda Diniz Ferreira por aceitar compor minha banca examinadora, pelo olhar atento, pelas críticas construtivas e sugestões de leitura.

Aos professores Amador Ribeiro, Luciana Deplagne e Vanessa Rimbau, por promoverem o encantamento pela Literatura.

Aos professores Marco Colonnelli e Prisciane Ribeiro, por me apresentarem a língua latina e os estudos clássicos, disciplinas tão temidas, mas que cursei com bastante alegria.

Aos professores Alyere Farias, Maria Aparecida de Oliveira (DELEN) e Tiago Aguiar, pela empatia e leveza no período pandêmico, sem vocês não teria conseguido ir adiante.

Aos professores Camilo Rosa, Henrique e Socorro Cláudia, por enxergarem, em mim, potencial para a vida acadêmica. Por me incentivarem a buscar a excelência e continuar os estudos na pós-graduação.

Aos amigos do Curso de Letras, em especial, Aline Ferreira, André Sousa, Eduarda Almeida, Eduardo Fragoso, Edivânia Almeida, Elizabeth, Érica Ferraz, Francisco Calado, Glenda Medeiros, Thiago Guilherme, Verônica Oliveira e Yve Leão. Pela companhia nos estudos e na vida, pelo grande incentivo na reta final e por todas as vezes que uma palavra de vocês mudou o meu dia.

Aos amigos do Direito e da vida, Carol e Homero, e Edílson Tibúrcio. Pelos longos anos de amizade e por saber que sempre posso contar com vocês.

Aos meus amigos de Pernambuco, que sequer se conhecem, mas cuidam de mim, mesmo à distância. A vocês, André Inácio e Thiago Tenório, muito obrigada por tanto cuidado.

A Gustavo Xavier pela escuta, apoio, paciência e incentivo. Por muitas vezes me trazer leveza, mesmo diante de tantos problemas. Por amenizar minha ansiedade. A você, minha gratidão.

A José de Andrade Martins e José Marcelo Sales, pela amizade, acolhida e aproximação tão necessária no processo de luto que passamos. A ajuda de vocês foi fundamental.

Aos queridos Marineuza de Jesus Nobre e Padre Adriano Brasil pelas orações, amizade e incentivo.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma proposta de análise do romance *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo, publicado em 1938, a partir das ponderações dos estudos desenvolvidos por Georg Lukács, em *A teoria do romance* (2009). Para tanto, a análise investiga o perfil do protagonista Eugênio e os seus desdobramentos ao longo da narrativa à luz do conceito “herói problemático. Com efeito, leva-se em consideração as ponderações do filósofo sobre o gênero romanesco através do conflito entre o a alma e o mundo, a primeira e segunda natureza. Dessa forma, é possível encontrar, no personagem de Verissimo, características do idealismo abstrato na tipologia lukacsiana, a partir das ações desenvolvidas pelo personagem ao longo da “jornada heroica”. A metodologia empregada é de natureza bibliográfica, e utiliza excertos que comprovam a condição problemática de Eugênio. Verificam-se, na fortuna crítica, alguns textos que contribuem com o desenvolvimento da análise, a exemplo dos estudos de Alves (2015), Bessa (2000), Bordini (2015), Chaves (1980), Lucas (1980) e Meirelles (2008). Ao final, verificamos a problematidade do herói e o seu enquadramento no tipo idealismo abstrato.

Palavras-chave: Verissimo. Romance. Herói problemático. Lukács

ABSTRACT

This work has the object of presenting a proposal of analysis of the novel *Olhai os lírios do campo*, from Erico Verissimo, published in 1938, through the considerations of the studies developed by Georg Lukács, in *A teoria do romance* (2009). Therefore, the analysis investigates the profile of Eugênio, the protagonist, and his unfolding throughout the narrative in the light of Lukács' concept of "problematic hero". Thus, it's taken in consideration the weightings of the philosopher in what regards the Romanesque genre through the conflict between the soul and the world, the first and the second nature. Hence, it's possible to find, in Verissimo's character, characteristics of the abstract idealism in the lukacksian typology, from the actions developed by the character throughout the "heroic journey". The methodology employed is the bibliographic nature, using excerpts that prove Eugênio's problematic condition. It's verified, in the critical fortune, some works that contribute with the development of the analysis, as the studies of Alves (2015), Bessa (2000), Bordini (2015), Chaves (1980), Lucas (1980) and Meirelles (2008). Finally, it's noted the problematicity of the hero and his framing in the abstract idealism type.

Keywords: Verissimo. Novel. Problematic Hero. Lukács.

SUMÁRIO

1- PROPOSIÇÃO DO TRABALHO.....	11
1.1- Apresentação dos componentes.....	11
1.2- Verissimo e sua trajetória.....	12
1.3- Breve panorama do romance.....	13
1.4- Justificativa das escolhas.....	14
1.5- Fortuna crítica.....	17
2- PONDERAÇÕES TEÓRICAS.....	22
3- ANÁLISE TEXTUAL.....	26
3.1- Eugênio e o seu perfil.....	26
3.2- Personagens relevantes na busca por mudança.....	28
3.3- Eugênio e o despertar para a mudança.....	29
3.4- Eugênio e as oscilações de comportamento.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45

1-PROPOSIÇÃO DE TRABALHO

1.1-Apresentação das componentes da pesquisa

O presente estudo propõe uma leitura do *corpus Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo (2005), enfocando a categoria do personagem, em especial o protagonista – Eugênio –, cercado de conflitos interiores ao longo de todo o enredo. As informações fornecidas pelo narrador mostram o desenvolvimento do personagem, desde a infância até a vida adulta, demonstrando a sua condição problemática. Eugênio tem acesso a uma carta, escrita por Olívia no leito de morte, carta esta que revela um profundo conhecimento sobre ele e, com base no Sermão da Montanha¹, propõe uma mudança de vida. A narrativa então é marcada pela decisão de trilhar um novo caminho, em uma espécie de conversão a si mesmo, pois é levado a rever seus valores e decisões tomadas ao longo da vida.

Para embasar a pesquisa, a análise do personagem realiza-se sob a perspectiva da teoria do herói problemático, desenvolvida por Georg Lukács, em *A teoria do romance* (2000). O teórico parte da grande épica para teorizar o romance como gênero literário e encontra na personagem romanesca seu elemento definidor, ressaltando a transformação, ao longo da história, do herói épico em um herói de caráter problemático (LUKÁCS, 2009.). No intuito de auxiliar nas ponderações teóricas, recorre-se a Macedo (2009), responsável pela tradução do teórico, e às dissertações dos pesquisadores Lacerda Neto (2006) e Oliveira (2021). Além da fundamentação teórica, dialogamos com alguns ensaios e pesquisas da fortuna crítica da obra como textos de autoria de Alves (2015), Bordini (2015), Chaves (2005), Lucas (1980) e ao prefácio² do *corpus*, escrito pelo próprio Verissimo (2005). E com estudos formulados pelos pesquisadores Bessa (2000) e Meirelles (2008).

Para facilitar a explanação e o desenvolvimento dos argumentos até o momento apresentados, esta pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, elucidaremos de forma global as componentes do estudo: o *corpus*, a categoria analítica, a fundamentação teórica, a fortuna crítica breves comentários sobre o autor e suas criações literárias, seguida de uma síntese do romance. Além disso, serão apresentadas justificativas que levaram à escolha do *corpus*, categoria analítica e fundamentação teórica.

O segundo capítulo discorre sobre as mediações teóricas que orientam a análise, explanando o pensamento lukacsiano exposto em *A teoria do romance*, subsidiado por textos

¹ BÍBLIA SAGRADA. Mateus, 6: 24-28

² A edição escolhida conta com dois prefácios: Um de autoria do crítico Flávio Loureiro Chaves e outro de Erico Verissimo, ambos usados no estudo.

de apoio capazes de explicá-lo. Inicialmente, aponta-se a conceituação do gênero romance e a sua diferenciação da epopeia. Só então, segue-se para a tipologia do herói problemático. Todas as ponderações servirão para aclarar a análise do *corpus*.

O terceiro capítulo se debruçará sobre a análise, abordando excertos do romance à luz das mediações teóricas, no intuito de demonstrar a condição problemática do personagem e mostrar a sua jornada heroica, ressaltando seus feitos e mudanças, com ênfase especial ao desfecho – o que leva em conta o destino do personagem.

1.2 -Verissimo e sua trajetória

Nascido em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 1905, Erico Lopes Verissimo trabalha como bancário, sócio de uma farmácia e professor de literatura e língua inglesa. Muda-se para Porto Alegre e publica seu primeiro conto, vindo a exercer a função de redator da *Revista o Globo* e diretor da revista *A Novela*, destacando-se, também, como tradutor de livros do inglês para o português. Como jornalista, colabora nos jornais *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*, e foi eleito Presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa.

No universo literário, o escritor é considerado um dos mais importantes do século XX, associado a Segunda Geração do Modernismo, e suas obras transitam entre contos, narrativas de viagens, ensaios e romances. No gênero romanesco, destacam-se: *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936), *Olhai os lírios do campo* (1938), *O tempo e o vento* (1949-1962), *O senhor embaixador* (1965) e *Incidente em Antares* (1971).

O reconhecimento de Erico Verissimo na Literatura Brasileira viabiliza a conquista de alguns prêmios, dentre eles: Prêmio Machado de Assis³, ao lado dos romancistas Dionélio Machado, Marques Rebêlo e João Alphonsus; Prêmio Fundação Graça Aranha⁴; Prêmio Machado de Assis⁵; Prêmio Jabuti – Categoria Romance, da Câmara Brasileira de Livros, em 1965, pelo livro *O senhor embaixador* e o Troféu Juca Pato, em 1968, pelo título de Intelectual do ano.

Dito isso, é importante destacar que é com o romance *Olhai os lírios do campo* (1938) que o autor ganha visibilidade no Brasil e no exterior. O livro vende quase quarenta mil exemplares na época, conhecido, popularmente, como o primeiro *best seller* brasileiro e o próprio Erico Verissimo declarou:

Tamanha foi a influência deste livro no espírito de certos leitores, que ele teve

³ Em 1934, da Cia. Editora Nacional, com os escritos originais da obra *Música ao longe*.

⁴ Em 1935, com o romance *Caminhos cruzados*.

⁵ Em 1954, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

a força de arrastar consigo os romances que o autor publicara até então em tiragens modestas que levaram quase dois anos para se esgotarem (VERÍSSIMO, 2005. p.17)

O sucesso de vendas permite ao escritor dedicar-se apenas à literatura, realidade diferente dos escritores que lhe foram contemporâneos (CHAVES, 2015). Some-se a isso o fato de o romance receber outras expressões artísticas: uma telenovela brasileira, em 1980, desenvolvida por Geraldo Vietri e Wilson Rocha; e uma adaptação fílmica argentina, *Mirad los lírios del campo*, em 1947, do diretor Ernesto Arancibia.

1.3- Breve panorama do romance *Olhai os lírios do campo*

A narrativa conta com vinte e quatro capítulos, dispostos em duas grandes partes, sendo a primeira do capítulo um ao doze, e a segunda do capítulo treze ao vinte e quatro. Cabe, desde já, esclarecer que as duas partes possuem padrões estéticos diferentes.

Iniciada *in medias res*, a primeira parte se passa em apenas três horas e começa com o protagonista recebendo uma ligação do hospital, quando toma conhecimento da iminente morte de uma pessoa que quer vê-lo, até então, apenas nomeada por Olívia. A caminho do hospital, o narrador insere *flashbacks*, e com isso, permite a alternância entre o tempo cronológico e o tempo psicológico do personagem. Dessa forma, é possível ter acesso ao passado de Eugênio, marcado pela pobreza e ambição, traçando, assim, o seu perfil. A infância pobre provoca no personagem o desejo de crescer financeiramente, e assim, torna-se médico e abre mão de sua companheira e colega de curso, Olívia, para casar-se com uma mulher rica: “-Eu não gosto dela, Olívia. O que te escrevi é a pura verdade. Só penso no meu futuro, na minha carreira.” (VERÍSSIMO, 2005, p.118). O encerramento da primeira parte ocorre com a chegada do personagem ao hospital, em momento posterior à morte de Olívia.

O segundo momento do livro rompe bruscamente com o anterior, primeiro porque agora a narrativa segue o tempo cronológico, segundo porque Eugênio deseja rever seus valores. Assim, a abertura da segunda parte se dá com o encontro entre Eugênio e a sua filha, Anamaria. Segundo as informações do narrador, o protagonista já tem conhecimento da paternidade, mas apenas com a morte de Olívia assume o seu papel e isso implica deixar a vida atual. Some-se a isso a existência de uma carta, escrita por Olívia ao protagonista, em que reafirma a sua paternidade, tece considerações profundas sobre seus medos, suas angústias, suas ambições, e o aconselha a praticar ações em prol de uma vida simples e significativa.

Tal carta utiliza a passagem bíblica do Sermão da Montanha e inspira o nome do livro. Eugênio então deixa o seu casamento, deixa a sua amante e passa a viver onde vivia Olívia,

sempre tomando conta da sua filha. Além disso, começa a ajudar o Dr. Seixas, médico que sempre cuidou dos pobres e que não tem nenhuma ambição. O livro segue com acontecimentos que exigem um posicionamento do protagonista, como se o colocasse sempre em xeque, e o Dr. Seixas também se utiliza de questionamentos que levam o personagem a refletir sobre a realidade, inclusive de forma pessimista, como uma espécie de contraponto à esperança de Eugênio em mudanças positivas. Olívia e Dr. Seixas são personagens extremamente importantes para a narrativa e para Eugênio, que os vê como exemplos e inspiração. Além disso, o romance é repleto de problemáticas em uma sociedade de valores degradados. O crescimento urbano da cidade de Porto Alegre reflete nas ações dos personagens que marcam a presença de diferentes classes sociais, a polarização política, questões sensíveis como racismo, antissemitismo e aborto.

1.4- Justificativa das escolhas

A escolha do *corpus* se justifica pela sua importância no contexto literário brasileiro e pelo fato de ser um divisor de águas na vida do autor. As inúmeras edições do romance e as suas traduções tornam visíveis a crescente popularidade do escritor e a projeção da Literatura Brasileira no cenário internacional, sendo a sua obra mais lida⁶. Embora tenha um sucesso incontestável, a narrativa não é considerada a mais importante da carreira do escritor dentre as demais já publicadas pois, *O tempo e o vento* (1949-1962) ocupa esse papel.

O romance conta com um narrador onisciente, exceto quanto às cartas escritas por Olívia. É possível acessar, por meio do narrador, as problemáticas sociais decorrentes do acelerado processo de industrialização, postas de forma ficcional, utilizando como *locus* a cidade de Porto Alegre. Nesse contexto, os romances *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935) e *Música ao longe* (1936) apresentam a mesma ambientação urbanística. Em *Olhai os lírios do campo* (2005), o espaço está em pleno desenvolvimento e apresenta elementos da modernidade, a exemplo das grandes edificações, telefones, veículos e crescente impacto de fábricas, além dos reflexos sociais típicos dos grandes centros. As personagens, então, representam sujeitos que interagem socialmente com o meio, caracterizando a diferença entre ricos e pobres, detentores dos meios de produção e proletários, profissionais liberais com ambição e os que se dedicam aos pobres. Percebem-se as diferenças sociais de forma bem marcada através dos diálogos, moradas dos personagens, acesso aos bens, às vestimentas, fruto

⁶ *Olhai os lírios do campo* ainda hoje é o livro mais lido do escritor. Foi traduzido para vários idiomas, do inglês ao indonésio. Olívia e Eugênio continuam sua trajetória, criaturas imaginárias que ganharam autonomia. (CHAVES, 2005, p.15)

do que Verissimo (*apud* CHAVES, 2005) chama de “o corte transversal da sociedade”.

Mais tarde, ao revisar o romance em 1966, o autor tece sobre ele severas críticas e afirma tratar o seu conteúdo de “uma filosofia salvacionista barata” (VERÍSSIMO, 2005, p.18), em referência aos princípios altruístas deixados pela personagem Olívia em forma de cartas. Verissimo (2005) chega a dizer que os princípios escritos por Olívia são inumanos e inconsistentes, incapazes de se cumprirem. Alves (2015) aponta que o emprego das cartas corroboram na estrutura narrativa em reforço à forma indireta, e o romancista conta com tal recurso em diálogo com os romances epistolares, característica igualmente presente no romance *Clarissa* (1933), obra anterior.

Todavia, há um ponto relevante na crítica do autor que importa ao presente estudo sobre o livro:

Vejamos claramente o que tenho contra ele. Para principiar, a construção. A primeira parte é intensa e cheia dum interesse que jamais enfraquece. Na segunda, porém, esse interesse declina, e a história se dilui numa série de episódios anedóticos sem unidade emocional. Eu mesmo já tratei de justificar esse defeito dizendo que a vida no fim de contas é assim, isto é, não se trata de algo simétrico e arrumado como nos romances bem feitos. A verdade é que nem eu mesmo consegui a validade de meus próprios argumentos. (VERÍSSIMO, 2005. p.17)

A construção das duas partes da narrativa chama atenção e o presente trabalho se alia à opinião de Verissimo no tocante à primeira parte. Nela, o tempo presente do protagonista vai se entremeando ao seu passado: um presente intenso, apressado, veloz, intercalado por um passado memorialista, mais lento, rico em detalhes e, de fato, desperta o interesse incansável pela leitura. Na segunda parte, ao contrário do alegado pelo autor, não se trata de um declínio do interesse, e a leitura adotada pelo presente trabalho parte da ideia de Eugênio se direcionar para uma mudança pessoal. Nesse itinerário, ocorre a tomada de grandes e pequenas decisões que se estendem com o passar dos dias para moldarem o seu novo eu. Logo, a mudança do protagonista demanda tempo, aprendizagem, envolvendo consequências para si mesmo e para os demais personagens da trama. E essa mudança merece ser estudada.

Quanto à categoria analítica, o personagem é escolhido não somente por ser o centro da narrativa, mas porque ele é o único que se relaciona com os demais – uma espécie de fio condutor da obra – e está inserido em todas as discussões trazidas pelo texto. Eugênio assume a centralidade da narrativa, nas duas partes da obra, sem exclusão de um capítulo sequer. Cabe ressaltar que, embora não haja uma linearidade cronológica na narrativa, por obediência a

critérios organizacionais, a infância, a vida adulta e a busca por mudança de Eugênio estabelecem uma sequência importante para a análise. Dessa forma, algumas passagens da infância e alguns acontecimentos pelos quais passa o protagonista fornecem dados para o entendimento do seu perfil. O desenvolvimento se estende com o desejo de mudança e o início da jornada heroica do personagem em busca de si mesmo. Eugênio tem uma infância cheia de privações e, em certa medida, culpa os seus pais pela condição de pobreza. O protagonista também tem um complexo de inferioridade e possui uma grande ambição, buscando, assim, prestígio. O fato é que o personagem conclui o curso de medicina, casa-se por interesse com Eunice, uma mulher rica, e consegue mudar de classe social. Ainda assim não se sente realizado. Insatisfeito, Eugênio busca por transformação nas suas ações e esse desejo nasce após a morte da personagem Olívia, que lhe deixa uma carta cujo teor inspira o nome ao livro.

No que respeita à base teórica, escolhe-se para o presente estudo a *Teoria do Romance*, de Lukács. Uma das obras mais importantes da teoria literária do século vinte, em especial na definição do gênero romanesco, em oposição histórica e formal às epopeias clássicas. O filósofo discorre acerca dos gêneros épico, trágico e romanesco, mas destaca a forte oposição entre os gêneros épico e romanesco e suas respectivas representações heroicas.

Dessa maneira, os heróis das epopeias encontram amparo nas divindades para cumprir a jornada e voltam suas conquistas em prol da coletividade. O herói não experiencia o isolamento, suas ações se voltam para o espírito de unidade com a nação, e até os deuses se desentendem em sua defesa. Esse ciclo harmonioso encontrado no mundo grego reflete nos padrões estéticos através da ligação dos heróis com as entidades divinas.

O inverso ocorre no gênero romanesco, pois o mundo agora se encontra abandonado pelos deuses. Desvencilhado das divindades, resta ao indivíduo trilhar seu caminho de forma solitária e sob a influência demoníaca: “(...) ser homem significa ser solitário.” (LUKÁCS, 2009, p.34). Da ruptura entre o mundo antigo e moderno, surge o herói problemático, fragmentado pela desarmonia de duas naturezas, sendo a primeira relacionada à sua subjetividade e a segunda relacionada ao meio social.

A partir dos conceitos lukacsianos tratados, é possível estabelecer uma leitura particular sobre o personagem Eugênio, imerso em conflitos interiores e o mundo exterior. Assim, o protagonista considera a mudança pessoal como solução dos seus problemas e encontra direção nas reflexões deixadas por Olívia em forma de cartas, cujo teor revela um mundo idealizado. Para melhor compreender a natureza problemática do personagem e sua incansável busca por mudança, utiliza-se a tipologia do herói na visão de Lukács.

Além da obra original, alguns textos complementares são inseridos de maneira assessória na análise, porque representam leituras profícuas sobre ele. Nesse sentido, Macedo (2009), tradutor de Lukács, apresenta um ensaio relevante⁷ e capaz de aclarar o pensamento do teórico e fazê-lo mais compreensível. Por outro lado, as dissertações dos pesquisadores Lacerda Neto (2006) e Oliveira (2021) promovem uma leitura de personagens romanescos em diferentes *corpora* e esclarecem a tipologia do herói, servindo de exemplo e apoio ao presente estudo.

Como motivação externa para o desenvolvimento do trabalho, há o desafio de contribuir para a fortuna crítica da obra. Em relação às mudanças sofridas pelo personagem, não encontramos estudos como o proposto em nossa pesquisa. Chaves (2015) afirma que encerrou sua pesquisa sobre Verissimo em 2010 e a fortuna crítica contava com uma média de 1.200 títulos. Apesar de muitos trabalhos se dedicarem a estudar a obra pelo viés dos estudos comparados ou traçarem um perfil da produção do escritor como um todo, especificamente sobre o romance em tela, os estudos são mais restritos. Percebe-se, assim, que o romance ainda é pouco explorado no meio acadêmico, mesmo diante dos numerosos leitores que o consagraram como sucesso de vendas.

1.5- Fortuna Crítica

No que tange à nossa pesquisa, vale questionar se existem estudos do personagem à luz de Lukács. As diversas abordagens encontradas revelam uma lacuna nesse aspecto. Vejamos a sinopse de algumas análises.

Bessa (2000) apresenta um trabalho voltado para o discurso religioso como categoria analítica, e analisa a influência desse discurso sobre o protagonista no seu processo de mudança. É importante esclarecer que a pesquisadora vê o personagem como problemático e o define sob a perspectiva de Lukács, mas seu percurso investigatório se alicerça em fontes teológicas e estudos bibliográficos. Dentre esses estudos, o de Pompermayer (*apud* BESSA, 2000) se dedica à observação da religião nas obras de Verissimo. Ao final, a pesquisa apresenta um breve paralelo com o romance *Saga* (1940) e o aponta como sequência de *Olhai os lírios do campo* (2005).

A religiosidade também é evidenciada na pesquisa de Sagrilo (2005), pautada na recepção do romance por leitores da Bíblia. Selecionando comunidades religiosas e ofertando *Olhai os lírios do campo* para leitura, a estudiosa fornece questionários aos leitores para obtenção de um mapeamento e faz uma interpretação dos resultados obtidos. Para concretizar

⁷ O ensaio é o Posfácio de *A teoria do romance*, de Lukács.

o seu propósito, a pesquisadora percorre referenciais teóricos no intuito de explicar a metodologia empregada nos questionários. De posse dos resultados obtidos, a fundamentação da análise apresenta pensamentos de críticos literários, a exemplo de Hans Robert Jauss (*apud* Sagrilo, 2005) – um dos maiores expoentes da estética da recepção – e dos brasileiros Alfredo Bosi e Flávio Loureiro Chaves (*apud* SAGRILLO, 2005).

Por outro ângulo, Tamiozzo (2012), em sua monografia, opta por investigar a subjetividade do romance moderno dentro do *corpus* através das categorias narrador, tempo e espaço. Para as intervenções analíticas, a pesquisadora aplica a teoria shadiana a partir da visão de Paulo Sérgio Rouanet (*apud* Tamiozzo, 2012), que entende que o romance moderno se dá a partir do narrador, tempo e espaço.

Verificaram-se outras contribuições para a fortuna crítica no campo dos estudos comparados e, igualmente, não foram encontrados registros, no meio acadêmico, de análises com de *Olhai os lírios do campo*, focalizadas no pensamento lukacsiano. Isto posto, passamos a apresentar, de forma breve, a pertinência de alguns trabalhos.

Kantorski (2011), em sua tese de doutoramento, traça um estudo sobre a mulher e a cidade nos romances de Verissimo da década de 30: *Clarissa* (1933), *Caminhos Cruzados* (1935), *Música ao Longe* (1936), *Um lugar ao sol* (1936), *Olhai os lírios do campo* (1938) e *Saga* (1940). Trata-se de uma pesquisa sobre a representação das personagens femininas a partir das suas experiências com a cidade, meio urbano. Para tanto, o estudo é direcionado no sentido de perceber como as personagens femininas transitam nos romances, de que forma atuam socialmente e como se encontram representadas a partir da sua experiência pessoal no meio urbano. A pesquisa observa, no seu mapeamento, pontos comuns nas representações das personagens, a saber: a questão do gênero, a nova condição da mulher da década de 30 e as suas relações com o trabalho, destacando a autonomia das mulheres construídas nas narrativas. A partir dos vastos referenciais teóricos, a análise destaca as protagonistas presentes nos romances, dentre elas, Olívia, encontrando, ao final, semelhança em suas posturas pela insatisfação com a sociedade da época. Além disso, Olívia é reconhecida no trabalho como uma protagonista heroína e possui valores humanistas, chegando a colocar sua profissão de médica a serviço da população mais carente. Na sequência, Kantorski (2011) intitula um ponto do seu trabalho, “Outras mulheres, outras experiências”, e discorre sobre personagens femininas secundárias, mostrando que o romancista toca no ponto da homossexualidade e da prostituição. Tais personagens são levadas em conta para discorrer sobre a variedade de representações

postas por Verissimo, e embora não ocupem a centralidade de narrativa, há um significado social.

Em estudo mais recente, Santos (2020) contribui para a fortuna crítica ao enfrentar a questão do esquecimento na produção romanesca de Verissimo. A pesquisadora faz um levantamento de todas as obras romanescas e identifica quais momentos os personagens desejam esquecer. Posteriormente, recorre a filósofos para compor a sua fundamentação teórica, dentre eles: Harald Weinrich (2001), Paul Ricoeur (2007) e Nietzsche (2003). Sobre *Olhai os lírios do campo* (2001), em específico, a autora indica que Eugênio sofre com as memórias da infância e se arrepende das decisões tomadas ao longo da vida, desejando esquecê-las. Em observância à coerência da pesquisa, Santos (2020) segue sua análise pontuando seus achados sobre os demais romances e conclui seu trabalho também de forma particularizada. Por conseguinte, no tocante a Eugênio, reconhece a sua jornada em busca do esquecimento de suas memórias, constatando que o personagem não logra êxito.

Em outro ângulo, para obter o título de Mestre em História, Meirelles (2008) conclui a dissertação intitulada: *Um retrato da atmosfera urbana de Porto Alegre: As camadas médias urbanas na literatura de Verissimo*. Embora o trabalho se destine a outra área do conhecimento, seu conteúdo é capaz de contribuir para os estudos literários e para a fortuna crítica de Erico Verissimo. A partir dos romances *Caminhos cruzados* (1935), *Olhai os lírios do campo* (1938) e *O resto é silêncio* (1943), a pesquisadora enfrenta elementos externos influenciadores no processo criativo literário de Verissimo ao retratar as camadas médias urbanas. As obras selecionadas, escritas em diferentes momentos da Era Vargas, são analisadas à luz dos pensamentos de Bakhtin (1979), Benjamin (1989), Bourdieu (1968), Candido (1992), Goldmann (1967), Lukács (1962), Marx e Engels (1974), dentre outros teóricos e críticos da literatura dos estudos históricos. A pesquisa, ao tratar da obra *Olhai os lírios do campo* (2005), atribui aos funcionários públicos o pertencimento às camadas médias e destaca a presença de profissionais liberais, dentre eles, Eugênio e Olívia. Tais personagens possuem uma divergência de pensamento sobre o exercício da profissão: enquanto Olívia busca atender aos menos favorecidos, Eugênio tem na profissão uma forma de ascender socialmente e tratar de pessoas mais abastadas. Nesse ponto, a pesquisadora assinala que o Eugênio, assim como o protagonista de *Caminhos cruzados*, possui traços característicos do gênero romanesco e o define como “herói problemático”, tanto sob o olhar de Lukács, quanto sob Goldmann. Apesar do reconhecimento dos personagens como problemáticos, o estudo não aborda a tipologia do herói proposta por Lukács. Eugênio então é fruto de uma sociedade regida pelo mercado e, em tal

sociedade, o herói não concretiza uma conversão verdadeira porque não consegue romper com as relações voltadas ao acúmulo de capital, no entender de Goldmann (*apud* MEIRELLES, 2008). Além disso, Meirelles (2008) verifica que Verissimo não formou um grupo social coeso na acepção de Marx, mas tratou de trabalhadores urbanos em universos sociais distintos.

Importante também o estudo de Alves (2015), que observa, em periódico, a ocorrência de epístolas nos romances *Clarissa* (2005), *O tempo e o vento* (1956), *O senhor embaixador* (1997), *Olhai os lírios do campo* (1997), *Incidente em Antares* (2000) e *Música ao longe* (1987). Dessa forma, recorre a Lajolo (2002) e Valentim (2006) como teóricos sobre o romance epistolar, entre outros que corroboram com a análise do seu mapeamento. A análise se presta, então, a verificar nos romances a presença das cartas como uma técnica narrativa, uma vez que Verissimo não se presta a narrar romances epistolares na acepção do termo. Assim, a presença epistolar nos romances serve para acessar a interioridade dos personagens e corroborar para a estrutura da trama, recurso presente em *Olhai os lírios do campo*.

Além disso, enriquecem a fortuna crítica pequenos ensaios, reunidos para comemorar o aniversário de 40 anos de vida literária de Erico Verissimo, em 1972, organizados por Flávio Loureiro Chaves, intitulado *O contador de histórias*. A obra visa oferecer a compreensão sobre o autor e o conjunto da sua obra. Vale ressaltar a informação sobre as duras críticas lançadas sobre Verissimo no início da carreira, presente em alguns ensaios, escritos por Jorge Amado, Flávio Loureiro Chaves, Otto Maria Carpeaux, Moysés Vellinho e Antonio Candido. Neles, os autores destacam aspectos positivos e colocam o escritor em posição de significativa reverberação nacional, desfazendo os aspectos negativos. Dito isso, faz-se necessário um recorte sobre as abordagens relevantes do romance *Olhai os lírios do campo*. Destacam-se, então, os ensaios: *Erico Verissimo e o mundo das personagens*, de Flávio Loureiro Chaves; *Erico Verissimo e o antimachismo*, de Tristão de Athayde; *Erico Verissimo de trinta a setenta*, de Antonio Candido.

Destaca-se, por fim, o artigo publicado na Revista Teresa: “*Erico Verissimo nos anos 30: o contraponto e a forma da cidade moderna*”, de Maria da Glória Bordini. A autora trata do processo criativo dos romances publicados na década de 30, incluindo *Olhai os lírios do campo*.

De acordo com a fortuna crítica mapeada, os estudos tendem a observar aspectos de religiosidade, construção de personagens femininas fortes, apresentação de espaços com contornos bem delineados e problemas sociais nos centros urbanos. Porém, verifica-se em *Olhai os lírios do campo* um solo bastante fértil e pouco explorado. Embora algumas abordagens

identifiquem o protagonista Eugênio como problemático sob a ótica de Lukács, não há registros de trabalhos dedicados exclusivamente ao estudo do personagem, nem sobre a abordagem proposta.

2 - PONDERAÇÕES TEÓRICAS

Inicialmente, *A teoria do romance* apresenta um prefácio do autor. Nele, Lukács esclarece que a compreensão da obra pode ser facilitada a partir do “estado de ânimo” do seu surgimento, referindo-se à guerra de 1914. Com efeito, convém destacar a relevante oposição entre a visão estética de Hegel e a de Lukács, vejamos: se para Hegel “A arte torna-se problemática precisamente porque a realidade deixa de sê-lo” (LUKÁCS, 2009, p.14), para *A teoria do romance* “(...) a problemática da forma romanesca é a imagem espetacular de um mundo que saiu dos trilhos.” (Idem, p.14).

O filósofo húngaro, ao tratar das culturas fechadas, verifica, na epopeia, tempos afortunados e uma vastidão do mundo. Diante dessa vastidão, não há nada desconhecido ou anterior capaz de deixar a alma em situação conflituosa porque, embora vasto, o mundo é como a própria casa.

Quando a alma ainda não conhece em si nenhum abismo que a possa atrair à queda ou a impelir a alturas ínvias, quando a divindade que preside o mundo e distribui as dádivas desconhecidas e injustas do destino posta-se junto aos homens, incompreendida mas conhecida, como o pai diante do filho pequeno, então toda a ação é somente um traje bem-talhado da alma. Ser e destino, aventura e perfeição, vida e essência são conceitos idênticos. (LUKÁCS, 2009, p. 26)

Coexistem, no mundo, homens e divindades de tal que modo a ação do herói é marcada por um caráter objetivo em cumprir seu destino sem questionamentos, pois sua meta não é individual, porque representa o seu povo e está sob amparo dos desígnios divinos na sua jornada.

Lukács esclarece a importância das relações históricas para a constituição e alteração dos gêneros literários. Em razão disso, as diferentes sociedades são capazes de criar formas literárias de acordo com o seu contexto histórico e social. A forma épica então é o estágio inicial do gênero e, após transformações da sociedade, surgem a tragédia e o romance.

Pode um gênero ser sucedido por outro quando a transformação for profunda, atingindo a substância, como afirma o teórico. A concepção artística, portanto, não está vinculada apenas ao processo criativo dos seus autores, pois uma sociedade é capaz de influenciar a produção de um gênero com base em critérios históricos, assim como uma outra sociedade, em outro momento, igualmente o faz⁸.

⁸ Segundo Lukács, o mundo grego também passa alterações culturais e as questões filosóficas circundantes não são mais respondidas pela épica. Perde-se, então, a essência, fazendo surgir uma nova representação literária: tragédia. O herói trágico não age em prol dos valores coletivos, nem atrai para si as benesses ofertadas pelos

Sendo assim, os gêneros seguem um processo de atualização em virtude das mudanças sofridas pela sociedade, de tal modo que representações literárias do mundo grego não subsistem em prol das demandas literárias da modernidade. Surge então a necessidade de um novo gênero, capaz de suprir a expressão da realidade.

A forma romanesca configura uma nova representação do herói: o problemático. Em um mundo abandonado pelos deuses, este herói vive em constante busca pelo seu ideal, mas é fragmentado no confronto de sua natureza com o mundo exterior. Sua interioridade constitui a primeira natureza; e a segunda é representada pelo meio social ou, nas palavras do pesquisador:

No romance, duas naturezas estão em dissonância, em caráter de descontinuidade. A primeira é concernente ao indivíduo. A segunda é a própria sociedade, o mundo e o seu conjunto de valores. Com a hostilidade desta natureza em relação à outra, temos como resultado um processo de alheamento do herói com relação à exterioridade. O mundo já não é mais considerado um lar, e sim um cárcere. O homem, preso a ele, enxerga a sua imperfeição e almeja ver-se livre dele, confinando-se em sua interioridade. Esse conflito é a essência do herói romanesco, que é para Lukács intitulado de herói problemático. (LACERDA NETO, 2006, p.14-15)

Dessa forma, o herói busca por mudanças mas sempre terá como resultado a frustração, em razão das metas inatingíveis que impõe a si mesmo, sendo responsável pelas suas decisões. Em seu estado de alienação, o herói busca uma ordem no intuito de solucionar as desordens da própria alma. Diante disso, Lukács apresenta uma tipologia dos personagens com base em suas ações: idealismo abstrato, romantismo da desilusão e romance de educação (da maturidade viril).

O idealismo abstrato consiste no “estreitamento da alma” do herói que, acometido por uma ação demoníaca⁹, busca, obstinadamente, a concretização dos seus ideais, desconsiderando “toda a distância entre ideal e ideia” (LUKÁCS, 2009, p. 100). A alma heroica se encontra em uma relação tão estreita consigo mesma e tão oposta em relação ao mundo, que suas ideias se revestem de uma fixação, em uma espécie de dogma. Dessa forma, as ações do herói são uma constante, uma após a outra, desprovidas de reflexão ou criticidade. Como consequência, predomina nesse herói a ação, e não a reflexão.

Por essas características, é possível situar Eugênio no idealismo abstrato. O sentimento

deuses. Ao contrário, a ação é solitária e a busca é por si mesmo, colhendo os frutos de suas ações ou atraindo os infortúnios pela prática dos seus erros. Nesse ponto, a harmonia do mundo épico é substituída por uma “filosofia tosca e abrupta” (LUKÁCS, 2009, p.32), em uma cisão entre o herói épico e trágico.

⁹ A ação demoníaca corresponde à falta de harmonização entre a primeira e a segunda natureza. A primeira diz respeito à interioridade. A segunda natureza diz respeito ao mundo externo. Pode-se entender, ainda, como ação demoníaca, o estado do herói, no mundo abandonado pelos deuses, totalmente liberto da vigilância.

de inadequação com o mundo se inicia na infância e o persegue na vida adulta, questionando o sentido da vida, a existência de Deus em uma sequência de conflitos internos e sempre retomados pela memória. O protagonista chega a alcançar o tão sonhado prestígio social, objetivo alimentado da infância, mas ainda se sente inadequado ao mundo, buscando uma grande mudança apenas após a morte de Olívia. A motivação de Eugênio é autêntica e encontra respaldo no amor, pois “(...) ele precisava viver por amor de Anamaria, por amor de Olívia, por amor de si mesmo.”(VERÍSSIMO, 2005. p.151). Então, ele idealiza a sua mudança:

A vida deve ter um sentido. Agora ele começa a adivinhar nela contornos mais lógicos, o princípio dum desenho nítido. Ser bom e ser forte na bondade, fugir à violência e à ambição desmedida, ter olhos para a profunda beleza das coisas, ser às vezes como uma criança que está a todo o instante redescobrendo o mundo. “A vida começa todos os dias”, costumava dizer Olívia. (VERÍSSIMO, 2005. p.151)

Como se percebe, o herói projeta uma conversão do seu interior na esperança de suprir sua inadequação com o mundo. Eugênio tem a convicção de quais ações deve realizar. No entanto, observa direcionamento nas cartas de Olívia, em uma espécie de exemplo a ser seguido, perpetuando, de certa forma, a existência da amada.

O fato é que o protagonista realiza muitas conquistas, pratica boas ações, mas fracassa porque seus feitos não são capazes de suprir o conflito interior com a realidade mundana. Além disso, o personagem despreza qualquer reflexão sobre seus sentimentos mais íntimos, como no seguinte trecho: “Sentia no fundo do espírito a presença dum pensamento escuro, que estava à espreita...Era preciso não deixar que ele subisse à tona.” (VERÍSSIMO, 2005, p. 272). Para fugir dos maus pensamentos, Eugênio idealiza novas ações, colocando-se sempre em atividade.

O romantismo da desilusão representa o oposto do idealismo abstrato porque o herói possui uma alma “mais ampla e mais vasta” (LUKÁCS, 2009, p. 117), voltando-se para a sua interioridade. O personagem possui um nível intenso de reflexão- “sofreguidão excessiva e exorbitante” (Idem,p.122). No entanto, é incapaz de manter a mesma intensidade nas ações, que o leva a pouco agir. Dessa maneira, a relação conflituosa se estabelece quando o herói, através de reflexões, percebe a impossibilidade de alcançar metas em contraposição com a realidade do seu meio social, e isso o paralisa, levando-o à desilusão.

O último tipo proposto por Lukács é o romance de educação ou maturidade viril, este terceiro tipo de herói constitui a junção dos perfis anteriores e une a atividade reflexiva aliada à ação. Sobre essa questão Oliveira (2021) esclarece:

Apesar de ter consciência de sua fragilidade, ele busca a ação, porque ele consegue enxergar, apesar do conflito, caminhos que não o levem ao fracasso.

Desse modo, é o único que tem possibilidades de não fracassar e alcançar as metas, desde que consiga se harmonizar com o mundo externo (...) (OLIVEIRA, 2021, p.58)

O personagem não deixa de ser problemático. Mas é capaz de refletir sobre suas ações e ainda assim agir. A maturidade se estabelece porque o herói tem consciência da oposição entre as duas naturezas e ainda assim consegue aliar reflexão e ação, diferenciando-se dos demais tipos propostos por Lukács. No entanto, a harmonização entre as duas naturezas é relativa e, ao resolver um problema, cria-se outro.

3 – ANÁLISE TEXTUAL

A análise do romance utiliza as concepções de Lukács para compreender a problematidade do personagem e sua jornada heroica, iniciada após o momento de maior tensão da narrativa. Antes de adentrar na análise propriamente dita, é necessário apresentar o personagem Eugênio no intuito de esclarecer o seu perfil, como ele lida com o seu interior e o mundo, desde a infância até a vida adulta. Na sequência, destaca-se uma breve apresentação dos demais personagens significativos para a trajetória de Eugênio e que exercem influência nas suas ações.

3.1-Eugênio e seu perfil

Eugênio possui origem humilde, e desde a infância, envergonha-se da sua condição. Ângelo e Alzira são os pais do protagonista e Ernesto, o seu irmão. O núcleo familiar reside em um imóvel de três cômodos e poucos recursos. Os pais, uma dona de casa e um alfaiate, esforçam-se para educar os filhos em uma boa escola, mas Eugênio não consegue sentir amor pelo pai e o culpa pela condição de pobreza. Na visão de Eugênio, Dona Alzira, possui uma postura admirável, dedicada à família, responsável pelas repreensões e educação dos filhos. Mas a percepção de Eugênio sobre o pai é diferente.

Eugênio olhava para o pai, enquanto enfiava as meias de lã. Lá estava ele encurvado sobre um par de calças, cosendo. Era um homem calado e murcho, envelhecido antes dos quarenta. Tinha uma cara inexpressiva, dois olhos apagados e um ar de resignação quase bovino. Usava óculos, pois a vista já estava curta (as malditas fazendas pretas, esta luz fraca). Mais tossia do que falava. Quando falava era para se queixar da vida. Queixava-se, porém sem amargura, sem raiva. (VERÍRRIMO, 2005, p.26)

Eugênio vê o pai, o chefe da família, sem nenhuma postura ativa, não o admira em nada, ao contrário, observa nele uma postura servil, frágil, doente. Importante destacar que Ângelo também se esquia dos credores, seja se escondendo ou fugindo. Em uma ocasião, o dono do armazém invade a casa da família e encontra Ângelo escondido, faz a cobrança e o chama de caloteiro na frente dos filhos, e o narrador acrescenta: “Alguém há de vingar o pobre Ângelo. Talvez Deus, ou então...Pela primeira vez Eugênio pensou em se fazer homem, estudar, ficar doutor e ganhar dinheiro, para livrar a família daquela vergonha, daquela miséria.” (VERÍSSIMO, 2005, p.30). Eugênio, então, desde criança, deseja ascender socialmente e coloca sua intenção como meta.

Na escola, por se sentir inferior às demais crianças, o personagem apresenta um

comportamento introspectivo e, em virtude disso, é alvo de constantes brincadeiras. Em uma delas, as crianças percebem a calça furada de Eugênio e todo o pátio, em coro, o chama de “calça furada” (VERÍSSIMO, 2005, p. 23). Esse coro reverbera na imaginação do personagem durante o dia e a noite, uma cena que ele não esquece na vida adulta. Ademais, o protagonista se sente humilhado por ouvir as vantagens e grandezas contadas pelos colegas, não ter roupas adequadas, usar sapatos com as solas gastas. Diante disso, o narrador revela informações significativas:

Eugênio não tinha outro remédio senão procurar compensação nos livros. Estudava muito, distinguia-se na sua classe, ocupava os primeiros lugares. Isso lhe valia novas inimizades e essas inimizades o empurravam cada vez mais para a solidão. Sua alma sensitiva registrava com exagerada precisão os assaltos do mundo exterior, ressentia com aguda sensibilidade os golpes que os outros, deliberada ou inadvertidamente, lhe dirigiam. Ia, assim, ficando com uma visão deformada do mundo. As humilhações a que o submetiam como que se lhe incrustavam na personalidade, aleijando-a. (VERÍSSIMO, 2005, p.43)

Deslocado em relação aos demais, Eugênio ouve, continuamente, realidades diferentes da sua, vidas sem as privações pelas quais passava. O personagem encontra nos estudos uma saída para lidar com a inadequação, no entanto, depara-se com a solidão e cria uma visão deturpada da realidade. A oposição entre o interior de Eugênio e o mundo demonstra claramente a essência do herói problemático proposto por Lukács.

O discurso religioso confere um valor relevante à narrativa e, a partir dele, Eugênio estabelece mais um conflito interior. Em diferentes meios sociais, o protagonista é intercruzado pela existência de Deus e as concepções religiosas são sempre colocadas como um caminho norteador de um comportamento coletivo em que a sua individualidade não se amolda.

Eugênio temia esse Deus que em vão a mãe o fazia querer amar. Quando a noite rezava o “Padre nosso, que estais no céu...”- ele imaginava um ser de forma humana mais terrível, misterioso e implacável. Era invisível, mas estava em toda a parte, até nos nossos pensamentos. A ideia do pecado, então, começou a perturbar Eugênio. Estudava as lições e portava-se bem na aula porque temia os castigos da professora. Não fumava, não dizia nomes feios nem “fazia bandalheiras”, porque tinha medo dos castigos da mãe. Fugia dos maus pensamentos e não fazia má-criações nem às escondidas, porque Deus estava em todos os lugares e enxergava tudo. Um dia, enumerando a lista dos grandes pecados, alguém lhe disse: “Não amar os pais é pecado”. Então ele estava pecando! Por mais que se esforçasse, não podia amar aquele pai que nunca levantava a mão para lhe bater, que nem mesmo chegava a erguer a voz para o repreender. (VERÍSSIMO, 2005, p.28)

A existência de Deus atemoriza o personagem e cria no seu imaginário uma visão

conflituosa. Eugênio se sente vigiado por Deus e consegue estabelecer determinadas posturas e frear algumas atitudes por medo do pecado. Apesar disso, no seu interior, o protagonista tem consciência da impossibilidade de amar a Deus e o próprio pai.

Na faculdade de medicina, agora inclinado ao ateísmo, Eugênio não é capaz de dispersar o sentimento de inferioridade e ainda se envergonha da pobreza. Mas deseja ser médico pelo prestígio, para ser rico, para atender aos pobres e para curar o pai. Em certa ocasião, ao andar com seus colegas da faculdade, percebe a aproximação do seu pai, na rua, mas finge que não o conhece, mesmo depois de Ângelo o cumprimentar. Da mesma forma, o protagonista se envergonha do seu irmão, Ernesto, que aparece em um jornal como um bêbado arruaceiro e inicia uma discussão com o objetivo de colocar diante da família a impossibilidade de conviver com o irmão na mesma casa. No dia seguinte, Ernesto deixa a casa e nunca mais retorna.

Eugênio atinge a meta de concluir o curso de medicina e enxerga na oportunidade de se casar com uma mulher rica um atalho para alcançar o prestígio social. Dessa forma, Eugênio deixa de lado sua companheira e colega de curso, Olívia, para casar-se com Eunice. O sentimento de inadequação com o meio social e as lembranças perseguem Eugênio na vida adulta, mesmo diante das conquistas. E após a morte de Olívia, seus conflitos interiores se intensificam e o levam a tomar um novo rumo na vida.

3.2- Personagens relevantes na busca por mudança

Olívia é apresentada como par romântico de Eugênio, a única mulher da sua turma de graduação. A personagem representa uma pessoa forte, independente, detentora de uma preocupação com o ser humano. A personagem mora em uma pensão e cuida sozinha da sua filha com Eugênio. Olívia, no convívio com Eugênio, mostra-se uma conhecedora dos seus dilemas mais íntimos e tenta apaziguar o complexo de inferioridade do seu companheiro através dos valores cristãos. A personagem conhece a ambição de Eugênio, sua vontade de ter notoriedade no meio social e é ouvinte de todas as suas queixas, a pessoa com quem ele se abre. Eugênio chega a contar sobre o seu casamento por interesse e, ainda assim, Olívia acolhe a notícia com compreensão. Não há registros na narrativa sobre o passado de Olívia, suas origens, sua infância, fato é que ela representa um divisor de águas na vida de Eugênio. É através da personagem que ocorre toda a discussão sobre os valores a serem seguidos e nela Eugênio se espelha.

Anamaria é a filha de Eugênio com Olívia e guarda muita semelhança com a mãe. Embora tenha conhecimento da paternidade, o protagonista não assume a postura de pai em um primeiro momento. Todavia, com a morte de Olívia, Eugênio não abandona a filha, presta-lhe

assistência e encontra no seu amor por ela um dos motivos para mudar o curso da sua vida.

Dr. Seixas é um médico sem ambição e que atende os pobres. Não aceita receber dinheiro dos mais humildes, nem aceita palavras de gratidão. O médico não tem bens, não possui nenhum estudo relevante para a área médica. Eugênio se inspira no Dr. Seixas quando decide estudar medicina e sempre o acompanha. No entanto, quando Eugênio opta por deixar a vida de conforto, o Dr. Seixas sempre o confronta, muitas vezes de forma pessimista, como forma de trazê-lo para a realidade.

Eunice é a esposa rica com quem Eugênio se casa. É uma mulher que busca manter as aparências no casamento, não deseja ter filhos e não esboça nenhum amor por Eugênio. Mas, ela encontra em Eugênio um objeto para complementar a sua vida.

Isabel, esposa de Felipe, é amante de Eugênio e faz parte do seu círculo social. Uma das ações tomadas por Eugênio, quando decide mudar de vida, é romper a relação. Já Felipe, o seu esposo, é um engenheiro que consegue sucesso na profissão pelos seus próprios méritos e se destaca no enredo por ser o responsável pela construção de um arranha-céu, o Megatério.

Os personagens exercem um papel fundamental no desenvolvimento que Eugênio pretende atingir. A partir deles, Eugênio cria exemplos a serem seguidos, nutre esperança de um futuro melhor e rompe com antigos padrões.

3.3- Eugênio: o despertar da jornada

Eugênio recebe uma ligação. A partir dela, o personagem, apressadamente, corre até o hospital para alcançar Olívia viva. Na saída, o protagonista passa pelo constrangimento de comunicar a Eunice a sua ausência, mas recebe apenas indiferença. Dito isso, poucas horas separam Eugênio do momento de maior tensão do romance. No percurso, a narrativa intercala presente¹⁰ e passado, velocidade do automóvel e longas informações sobre o passado de Eugênio. Chegando ao destino, Olívia não se encontra mais viva e todo o tempo presente vem a tona, como um fechamento de um ciclo, emergindo a realidade posta ao personagem. Inicia-se então a segunda parte e o narrador coloca Eugênio em uma cena com grandes reflexões:

Sentado com a filha adormecida no colo, Eugênio pensa na morta. Os minutos passam. Pela sua mente já desfilaram todos os fantasmas. Não lhe deixaram na alma nenhum pavor, nenhuma angústia, mas sim uma grande e profunda tristeza. Ele sabe que a vida vai mudar, que ele se acha de novo parado diante de uma encruzilhada. Não pode mais retomar a velha estrada. Voltar à condição antiga seria a morte e ele precisava viver por amor de Anamaria, por amor de Olívia, por amor de si mesmo. (VERÍSSIMO, 2005, p.151)

¹⁰ A edição utilizada apresenta uma diagramação em itálico para indicar o tempo presente na primeira parte da narrativa. Na segunda parte da narrativa, a diagramação em itálico se refere às cartas escritas por Olívia.

O fragmento indica uma tomada de consciência do personagem, apreendida após a morte de Olívia, e abraçar um novo caminho implica abandonar a vida atual. Eugênio usufrui do conforto da família Cintra, da influência proporcionada pelo casamento por conveniência com Eunice, circunstâncias almejadas desde cedo. No entanto, o impacto da perda de Olívia gera um desconforto, uma certeza de inadequação e a única saída é estabelecer novos caminhos.

A vida deve ter um sentido. Agora ele começa a adivinhar nela contornos mais lógicos, o princípio dum desenho nítido. Ser bom e ser forte na bondade, fugir à violência e à ambição desmedida, ter olhos para a profunda beleza das coisas, ser às vezes como uma criança que está a todo o instante redescobrimo o mundo. “A vida começa todos os dias”, costumava dizer Olívia. Na memória de Eugênio soa a voz querida, esboça-se a imagem da que morreu. De repente ele tem a impressão de que está sendo vigiado por olhos invisíveis. Essa ideia causa-lhe um leve estremecimento. Num gesto involuntário, ele volta a cabeça, procurando... Sempre o silêncio e a solidão. (VERISSIMO, 2005. p.151)

Eugênio, a partir de então, projeta uma concepção esperançosa da vida, pautada em valores nunca vivenciados por ele. O personagem acessa a memória e nela encontra um parâmetro a ser seguido: Olívia. Na sua imaginação, o protagonista recria a imagem e a voz da amada a ponto de se sentir vigiado por ela. No entanto, é apenas um ser solitário.

Tal condição encontra respaldo na teoria lukacsiana sobre o gênero romance. Para Lukács, o romance é a representação literária de um mundo “abandonado por deus” (LUKÁCS, 2009, p.89). Dessa forma, se para o mundo grego as ações do herói encontram auxílio nas divindades e possuem um ideal coletivo, na modernidade há um desamparo e as ações são individuais. Submetido ao abandono dos deuses, resta ao herói a influência “demoníaca” (Idem).

É diante da perturbação demoníaca que Lukács nomeia o herói como problemático. Para esse herói, não há integração entre as naturezas propostas pelo filósofo: a primeira, inerente ao indivíduo; a segunda, relativa ao meio.

O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência. (LUKÁCS, 2009, p.91).

Dessa forma, o herói busca a realização dos seus objetivos no mundo exterior e se dedica à prática de ações rumo ao autoconhecimento. Isso porque, ao contrário do herói épico, a jornada do herói romanesco é individual e a harmonia buscada tem como finalidade a integração entre a alma e o mundo.

No que tange aos objetivos de Eugênio, destaca-se o trecho mais relevante do romance:

a carta escrita por Olívia no leito de morte. Nela, há um relato sobre o seu estado de saúde, recordações sobre os dois, reflexões sobre a interioridade do protagonista, mas, sobretudo, um direcionamento:

Quero que abras os olhos, Eugênio, que acordes enquanto é tempo. Peço-te que pegues na minha Bíblia que está na estante de livros, perto do rádio, leias apenas o Sermão da Montanha. Não te será difícil achar, pois a página está marcada com uma tira de papel. Os homens deviam ler e meditar esse trecho, principalmente no ponto em que Jesus nos fala dos lírios do campo que não trabalham nem fiam, e no entanto nem Salomão em toda a sua glória jamais se vestiu como um deles.

Está claro que não devemos tomar as parábolas de Cristo ao pé da letra e ficar deitados à espera de que tudo nos caia do Céu. É indispensável trabalhar, pois um mundo de criaturas passivas seria também triste e sem beleza. Precisamos, entretanto, dar um sentido humano às nossas construções. E quando o amor ao dinheiro, ao sucesso, nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do Céu.

Não penses que estou fazendo o elogio do puro espírito contemplativo e da renúncia, ou que ache que o povo deva viver narcotizado pela esperança da felicidade na “outra vida”. Há na terra um grande trabalho a realizar. É tarefa para seres fortes, para corações corajosos. Não podemos cruzar os braços enquanto os aproveitadores sem escrúpulos engendram os monopólios ambiciosos, as guerras e as intrigas cruéis. Temos de fazer-lhes frente. É indispensável que conquistemos este mundo, não com as armas do ódio e da violência, e sim com as do amor e da persuasão. Considera a vida de Jesus. Ele foi antes de tudo um homem de ação e não um puro contemplativo.

Quando falo em conquista, quero dizer a conquista duma situação decente para todas as criaturas humanas, a conquista da paz digna, através do espírito de cooperação.

E quando falo em aceitar a vida não me refiro à aceitação resignada e passiva de todas as desigualdades, malvadezas, absurdos e misérias do mundo. Refiro-me, sim, à aceitação da luta necessária, do sofrimento que essa luta nos trará, das horas amargas a que ela forçosamente nos há de levar. (VERISSIMO, 2005. p.153-154)

É possível depreender, a partir das palavras da personagem, traços de uma sociedade desigual: “monopólios ambiciosos”, de um lado; “miséria”, do outro (Idem). Em contrapartida, Olívia encoraja o protagonista a fazer frente ao mundo com a prática de ações humanitárias, encontrando no Sermão da Montanha substrato para o seu discurso. Fato é que a personagem conhece Eugênio em sua inteireza, os seus desejos, o complexo de inferioridade, e a sua dificuldade na crença em Deus. Ainda assim, Olívia acredita na mudança de Eugênio: “Se soubesse como tenho confiança em ti, como tenho certeza na tua vitória final...” (Idem, p.153). No entanto, considerando as características do herói moderno, sob a perspectiva de Lukács, resta a Eugênio apenas o fracasso.

Olívia deixa outras cartas para Eugênio e reforça a esperança de um futuro melhor. Eugênio não atende à orientação de leitura da Bíblia, como recomenda Olívia, e o seu parâmetro

de uma vida melhor se fundamenta nos ideais da sua amada. Fragmentado entre as duas naturezas, o protagonista vê o mundo como um lugar inadequado. Isso se explica na medida em que “ (...) o mundo circundante criado para os homens por si mesmos não é mais o lar paterno, mas um cárcere. ” (LUKÁCS, 2009, p.65). Dessa forma, Eugênio está confinado em seu interior e deseja se libertar das amarras do mundo, buscando, na esperança proposta por Olívia, tornar-se um homem melhor e realizado.

Eugênio e Olívia são condutores da história e combatem “obscuramente num mundo subvertido.” (CHAVES, 1980, p.75-76). Na referida citação, o crítico se baseia nos ensinamentos de Lukács e encontra similaridade entre os personagens de Verissimo nas obras escritas entre 1935 a 1943. Ainda no entender do pesquisador, as personagens femininas representam as “forças vitais” para a “ação humana” (Idem). O nosso estudo enxerga Eugênio como o responsável por conduzir a narrativa, e atribui a Olívia o desenvolvimento das suas ações.

Olívia exaure uma diversidade de assuntos na carta e não deixa de fazer menção à filha: “Anamaria fica com d. Frida. Sei que depois, se eu morrer, virás buscá-la para a nova vida” (VERISSIMO, 2005, p.154). Na ausência de Olívia, é na casa do casal Falk que Anamaria continua a residir, e Eugênio passa a visitá-la. O estreitamento da relação entre pai e filha ocorre na medida em que Eugênio cria coragem para fazer rupturas nos seus vínculos sociais.

No meio social, o protagonista está posicionado na classe mais favorecida. Isso fica muito claro em um jantar, ofertado por Eunice, esposa de Eugênio, a um pintor paulista, Túlio Altamira. Na ocasião, o narrador fornece informações relevantes sobre a sociedade através dos diálogos entre os personagens mais secundários. Túlio Altamira defende a modernidade, e Acélio Castanho, o conservadorismo. A primeira discussão travada entre os dois é sobre os pintores clássicos e os modernos, e se estendem a outras representações artísticas:

Os escritores são fotógrafos, reles fotógrafos que só sabem focar suas máquinas em cenas imundas de miséria e imoralidade. Esses detestáveis escritores proletários (o nome até me dá náusea...) descobriram uma justificativa para seus apetites literários depravados: finalidade social. (VERISSIMO, 2005, p.158)

As representações artísticas são utilizadas como pano de fundo para retratar a desigualdade social. Dessa forma, em resposta à fala de Castanho, Altamira justifica ser o romance uma forma de retratar a realidade. Nisso, os demais personagens se inserem nos diálogos e apresentam suas posições ideológicas. E os assuntos vão se diversificando. Segundo Altamira, é possível alcançar a igualdade social, e os estudiosos têm capacidade de gerir o

Estado porque possuem conhecimento científico. Em contrapartida, Castanho defende a divisão da sociedade em classes, e usa Platão em seus argumentos, ressaltando a mentalidade superior da elite.

A esse respeito, chama a atenção a colocação do engenheiro Felipe: “Não entendo essas histórias de Platão. Comigo é no fascismo. Mussolini disciplinou a Itália. Hitler reergueu a Alemanha. Disciplina!” (VERISSIMO, 2005, p.162). O personagem manifesta admiração pelos regimes totalitários, desprezando a ideia de igualdade e da divisão da sociedade em classes. Felipe também se pronuncia após uma fala do sogro de Eugênio:

Cintra deu voz a uma opinião que lera numa revista:

- Os judeus são um mau elemento para um país como o nosso, porque não vão para o campo, ficam atravancando as cidades, abrindo pequenos negócios, vendendo em prestações, desequilibrando o orçamento da classe proletária...
- Não gosto de judeus - declarou Filipe, resumindo nestas palavras definitivas a sua maneira de encarar o problema. (VERISSIMO, 2005, p.163-164)

A narrativa também aborda o antissemitismo a partir dos representantes da elite. Em momento anterior, os personagens demonstram incômodo com a presença dos judeus e se estendem no debate. No entanto, Cintra, que quase não participa dos diálogos, expõe sua opinião. Ligado à indústria, Cintra enxerga nos judeus uma ameaça ao mundo dos negócios, mas, em outro momento, atribui aos judeus o título de melhores clientes. Entretanto, Felipe, sem nenhuma justificativa, apenas registra sua repulsa aos judeus.

Eugênio passa por quatro momentos no jantar. No primeiro momento, o protagonista pensa em Olívia e se mantém alheio às discussões, evitando os olhares de Isabel, sua amante. Na sequência, o personagem volta a atenção para os diálogos, mas “num ângulo afastado e neutro” (VERISSIMO, 2005, p.161), sem colocar suas opiniões diante dos demais. Diante disso, o narrador afirma que Eugênio se esforça para ser tolerante: “A questão era contemplá-los com ternura humana. Mas bastaria desejar isso para o conseguir plenamente?” (Idem, p.161). No terceiro momento, Eugênio escuta o longo debate sobre os judeus e se lembra de Dora, filha de Felipe. Dora tem um relacionamento com um judeu e os pais não aprovam, mas Eugênio demonstra certa preocupação para com a moça. Por fim, ao ser perguntado sobre a preferência por Mussolini ou Stálin, Eugênio responde: “-Antes de Mussolini ou Stálin já existiam as estrelas e depois que eles tiverem passado elas ainda continuarão a brilhar.” (Idem, p. 166). A resposta surpreendeu a todos. Entretanto, o personagem apenas repetiu as palavras ditas por Olívia no passado, não formulou nenhuma fala a partir de si mesmo.

É importante perceber as relações estabelecidas por Eugênio e, no entender de Lukács, “Constituem elas o mundo da convenção, um mundo de cuja onipotência esquiva-se apenas o

mais recôndito da alma (...)” (LUKÁCS, 2009, p.62). O herói pertence a um mundo sujeito às convenções sociais, capazes de determinar o seu comportamento. Eugênio se comporta de acordo com as demandas do seu meio, sujeitando-se ao “cárcere” (LUKÁCS, 2009, p.65). Nesse mundo de aparências, não é possível conciliar os desejos da alma, levando-o a metas inatingíveis.

Fábio Lucas (1980) escreve um ensaio intitulado *O romance de Erico Verissimo e o mundo oferecido*. Muito embora o crítico selecione como objeto de estudo os romances *O senhor embaixador* e *Incidente em Antares*, suas reflexões também auxiliam a compreensão de *Olhai os lírios do campo*. Ao examinar como Verissimo trata da variedade dos personagens e das diversas situações cotidianas dentro do mundo burguês, o crítico opta por Lukács em suas ponderações e afirma:

(...) a ordem a ser buscada está no futuro. Se, numa sociedade degradada, que elege determinados valores e impõe uma ética que simplesmente impossibilita que os valores sejam atingidos, o romance traduz um desejo irrealizável de totalidade (...) (LUCAS, 1980, p.149)

Eugênio se enquadra nesse aspecto porque o presente o aprisiona no mundo das convenções, mundo esse que a ele não se adequa. O futuro, ao contrário, é esperançoso e libertador. Certo dia, o personagem acorda de madrugada e é tomado por uma inquietude, fazendo-o ir até a filha. Na casa dos Falk, Eugênio encontra Anamaria e lê outras cartas deixadas por Olívia. Na saída, é questionado pela filha: “-Pu que tu não vem dormir com nós?” (VERISSIMO, 2005, p.172). A pergunta de Anamaria acompanha Eugênio e, finalmente, ele inicia suas ações.

Ao chegar em casa, Eugênio chama Eunice para uma conversa. O capítulo 16 se dedica ao diálogo dos dois sobre o rompimento do casamento. Eugênio coloca diante de Eunice toda a sua insatisfação e assume ser o casamento um erro, fruto de uma oportunidade para ascender socialmente. Eunice procura rebater as alegações de Eugênio, sobretudo, demonstrando conhecer suas dificuldades internas, seus complexos, e, por piedade, o aceitou como marido. Ele afirma ter outra mulher e, a partir dela, enxerga o seu erro. Agora, pretende corrigir o passado para “pensar numa vida decente” (VERISSIMO, 2005, p.176), fazendo referência a Olívia. Desacreditada da atitude de Eugênio, Eunice responde: “-Isso é romance” (Idem). O protagonista acredita no início de uma nova vida após a morte de Olívia e deixa a casa, colocando para Eunice a responsabilidade do pedido de desquite. Isso porque, segundo a sociedade representada na narrativa, os julgamentos sociais são atenuados quando a iniciativa de desfazer o vínculo conjugal parte da mulher.

De acordo com Lukács, o gênero romanesco apresenta uma finalidade: “(...) a intenção fundamental determinante da forma do romance objetiva-se como psicologia dos heróis romanescos: eles buscam algo.” (LUKÁCS, 2009, p.60). Com o personagem Eugênio não é diferente, ele deseja mudar de vida. Há, nessa mudança, abandono de antigas situações e a busca de metas vindouras. A essa dinâmica, pela qual passa o personagem, podemos atribuir uma “jornada heroica”. Entretanto, o personagem possui um “alheamento” (Idem, p.64) e não é capaz de discernir entre o real e o ideal no percurso para atingir suas metas. Eugênio acredita que os direcionamentos de Olívia são suficientes para moldá-lo em uma pessoa melhor, desconsiderando sua interioridade problemática e o mundo que o cerca.

Olívia possui valores voltados para uma sociedade mais justa. Eugênio prolonga a vida da companheira ao acessar a memória, ao acessar os escritos deixados por ela, ao observar sua filha Anamaria. Nesse contexto, é importante destacar as palavras da pesquisadora:

O próprio nome de Olívia participa da ação que ela desempenha no romance. Seu nome remete a uma figura cujo simbolismo é muito forte na Bíblia: a oliveira. Oliveira, na simbologia bíblica, aponta para renovação, para transformação. No texto bíblico, Jesus teve seu momento de agonia, antes da crucificação, em um Jardim situado no Monte das Oliveiras. (BESSA, 2000, p.64)

Eugênio incorpora a proposta de Olívia sem questionamentos mais profundos e suas ações são mecanicistas, ou seja, ao realizar tal ação, consegue um resultado. Ao deixar Eunice, o protagonista deixa para trás a vida de privilégios. Eugênio passa a viver com a filha na casa dos Falk, dedicando-se ao exercício da medicina ao lado do Dr. Seixas.

Dr.Seixas exerce um papel fundamental na vida de Eugênio, pois as reflexões das ações do protagonista partem do colega. Ao expor seus objetivos e a ruptura do casamento, Eugênio tem como resposta do colega de profissão: “-Isso até me cheira a história da carochinha - disse ele ao cabo de alguns instantes de reflexivo silêncio.” (VERISSIMO, 2005, p. 176). O Dr. Seixas funciona como uma espécie de portador da realidade, tentando romper com a idealização de mundo criada por Eugênio. E o protagonista deseja enxergar no amigo um ponto de apoio e estímulo. No entanto, ao relatar sobre a impossibilidade de permanecer inerte depois de ler a carta de Olívia, Dr. Seixas responde:

Claro, claro! - retrucou Seixas, impaciente. – Não estou dizendo o contrário. Você é moço. Eu é que estou mais para lá do que para cá... Dizem que os hereges mais danados na hora da morte fazem as pazes com a Igreja. Talvez eu já esteja me preparando para adorar o bezerro de ouro, para vender a alma por trinta moedas de prata... - Soltou uma risada curta e rascante.- Mas quem é que quer uma alma velha e escangalhada?
Calou-se, acendeu um cigarro, os seus olhos ficaram pensativos por alguns

segundos.

- Genoca, o dinheiro tem uma importância brutal na vida. Eu às vezes penso se não fui uma besta vivendo como sempre vivi... Não tanto por minha causa, porque no fim de contas cada um pode fazer o que bem entender com a carcaça que Deus lhe deu. Mas em qualquer hora eu morro. Muito bem, não se perde grande coisa...Mas que vai ser da minha família, da minha velha, da minha filha? Nunca pude manter um seguro, os que cheguei a fazer caducaram... Economias? Nem me fale... Seu Genoca, o dinheiro tem uma importância cachorra!

Eugênio sentia agora um enregelamento interior, uma impressão de vácuo, de desamparo. Era como se presenciasse o desmoronamento dum velho ídolo. (VERISSIMO, 2005, p.177)

O protagonista, desde a infância, tem na figura do Dr. Seixas um exemplo a ser seguido. Embora o exercício da medicina promova um certo prestígio social, o Dr. Seixas atende aos mais humildes e só agora Eugênio descobre as queixas do colega de profissão. Tal situação frustra Eugênio porque ele cria uma figura idealizada do médico, desconsiderando as necessidades econômicas impostas pelo meio social. A narrativa sempre reforça a solidão do protagonista, mesmo diante de outros personagens.

Eugênio é um personagem dedicado às ações e suas reflexões são mínimas. A esse respeito, é possível nomeá-lo como um herói do idealismo abstrato: “A absoluta ausência de uma problemática internamente vivida transforma a alma em pura atividade.” (LUKÁCS, 2009, p. 102). O protagonista possui o desejo de se tornar uma pessoa melhor, mas não reflete sobre as ações, não faz uma autocrítica e ainda despreza as reflexões dos demais personagens a seu respeito. A ideia de seguir, com afinco, os valores propostos por Olívia cria uma fixação na alma heroica, uma ação após outra, sem nenhum questionamento, pois se encontra sob a influência “demoníaca”, incapaz de discernir sobre o real e o ideal.

Dr. Seixas adota um tom irônico e realista em suas falas. Ele observa as ações de Eugênio, mas não deixa de se posicionar, como se verifica no seguinte excerto: “Vou lhe mandar amanhã um cliente desses que não têm onde cair morto. É para você ir se habituando...” (VERISSIMO, 2005, p.178). Se Eugênio assume o exercício da profissão médica para se dedicar aos pobres, o Dr. Seixas o coloca à prova. Interessante destacar as palavras da pesquisadora sobre o Dr. Seixas:

A presença do médico é essencial ao diálogo de Eugênio consigo mesmo. Ele também contribui para as transformações do personagem principal, abrindo-lhe os olhos para uma outra dimensão da vida. (BESSA, 2000, p.92)

Dr. Seixas conhece Olívia e Eugênio. É nessa segurança que Eugênio se fia para conversar com o amigo e recebe, em contrapartida, uma visão realista sobre a vida. Isso porque

o Dr. Seixas não se apresenta como um mero ouvinte, ou mesmo um conselheiro, suas intervenções são resultado da experiência de vida como profissional mais antigo e, também, das observações pessoais sobre as problemáticas que regem a sociedade.

3.4- Eugênio e as oscilações de comportamento

Obstinado em se tornar um ser humano melhor, segundo a proposta de Olívia, Eugênio tem a vida marcada pela dedicação profissional e renúncias. Em alguns momentos, o protagonista chega a refletir sobre as suas boas ações e acredita estar no caminho certo para atingir uma mudança interna. Apesar de o personagem possuir traços, predominantemente, do idealismo abstrato, verificam-se algumas reflexões ao longo do enredo, mas tais reflexões representam apenas oscilações. Além disso, o narrador apresenta evidências de que as boas ações não levam Eugênio à conversão almejada. Dessa forma, passamos a analisar outras situações na jornada do personagem.

Eugênio mantém Olívia viva em sua memória. Na casa dos Falk, sua nova morada, o protagonista acompanha a presença de Olívia na semelhança com Anamaria, no lugar vago deixado na mesa, e na leitura das cartas. Nos momentos mais conflituosos do protagonista, as palavras de Olívia soam como consolo: “A vida começa todos os dias” (VERISSIMO, 2005, p. 179). Essa frase, em especial, repete-se em alguns momentos da narrativa, pois Eugênio guarda na lembrança os momentos ao lado de Olívia. Em meio às mudanças, a natureza mais íntima de Eugênio demanda esforço para se adequar à nova rotina:

As horas de solidão eram as horas de perigo. De manhã havia o sol, as visitas aos doentes, os ruídos da casa e da rua - coisas que lhe ocupavam o espírito. À tarde, o consultório, o desfile sensacional, as surpresas que lhe ofereciam os clientes e uma certa volúpia que ele começava a sentir no enfrentar a vida, no oferecer-lhe batalha em campo aberto. Mas à noite, na quietude do quarto, ele temia a visita do medo, pensava no futuro, lembrava-se do conforto e das facilidades da vida antiga. (VERISSIMO, 2005, p.181)

Eugênio consegue se organizar em uma rotina e ocupar o tempo, sem dar espaço às reflexões. A atenção do protagonista é ampliada e ele passa a notar as coisas mais simples ao seu redor dedicando parte do seu tempo, aos pacientes. Porém, como “herói problemático” que é, a solidão sempre acompanha o personagem, e nela sobressaem o medo e as inseguranças mais íntimas. Ele, então, sente medo do futuro e olha para o passado de privilégios como um local confortável.

Uma outra ação importante de Eugênio é o término do caso com Isabel, sua amante. Ao saber sobre o fim do casamento com Eunice, Isabel o procura para questionar sobre a possível

descoberta do relacionamento entre os dois. O fim do casamento com Eunice não guarda nenhuma relação com o caso com Isabel, afirma Eugênio. Em seguida, ele rompe com a amante e explica a impossibilidade de continuar daquela forma: “(...)Só agora tenho coragem de pensar nisso” (VERISSIMO, 2005, p.185). Durante o diálogo, o protagonista reflete sobre a relação de Isabel com o esposo, Felipe Lobo. Devido ao sucesso profissional, Felipe não tem tempo para a esposa e para a filha, sendo o responsável pela edificação do maior prédio da América Latina: O Megatério. Manter a relação com Isabel pode ocasionar sofrimento para todos os membros da família nas reflexões de Eugênio: “- Pense no seu marido, Isabel, pense na sua filha.” (Idem, 185). Ainda assim, Isabel não aceita o término de bom grado, mas não consegue reverter a situação.

O narrador também resgata o desaparecimento de Ernesto, irmão de Eugênio. No passado, Ernesto deixa a casa dos pais e nunca mais retorna. O motivo é a publicação, no jornal, do nome de Ernesto dentre os arruaceiros e bêbados na cidade. Na ocasião Eugênio se envergonha e não quer a associação do seu nome ao nome do irmão, nem quer conviver na mesma casa. Agora, Eugênio coloca notas no jornal para reencontrá-lo no intuito de dissipar o sentimento de culpa.

Para o filósofo, o herói do idealismo abstrato se coloca em uma “demoníaca sede de aventuras” (LUKÁCS, 2009, p.103). Nesse sentido, Eugênio escolhe quais atitudes deseja tomar para atingir os seus objetivos, de maneira “arbitrária e incoerente” (Idem). No mundo abandonado pelos deuses, o herói não se encontra sob a proteção das divindades, nem sob a vigilância, é apenas um ser solitário em direção aos seus desejos individuais. Assim, ao se colocar em constante atividade, Eugênio deseja provar para si mesmo a possibilidade de mudança. A pesquisadora, a esse respeito, afirma: “O personagem de Érico Veríssimo precisa, no desenrolar de sua história, confrontar-se com alguns valores que considerava positivos e questioná-los, a fim de encontrar a tão desejada harmonia.” (BESSA, 2000, p.58). A harmonia sonhada por Eugênio é adequar a sua interioridade com o mundo e, para ele, as ações são suficientes para atingir os seus objetivos.

No consultório, Eugênio atende os mais variados pacientes. Em certa ocasião, o protagonista recebe pai (Anaurelino) e filha (Aurora) para confirmar a virgindade da menina. O médico revela um defloramento recente e é compelido, pelo pai da menina, a fornecer um atestado. Chama a atenção como o personagem reage diante da situação: “Eugênio teve pena da menina.” (VERISSIMO, 2005, p. 188). O pai trata a menina com xingamentos e grosserias e Eugênio chega a intervir, pedindo para o pai levar em consideração o fato de a menina ter

apenas quinze anos e complementa: “(...) A violência só pode piorar a situação. Todos nós erramos. E depois pense que o senhor pode ser tão culpado do que aconteceu como ela. Talvez até mais culpado...” (Idem, 188). O herói encara a situação com uma postura ativa, chegando a defender uma desconhecida, contribuindo, assim, para a sua mudança pessoal.

As ações de Eugênio podem parecer convincentes e deixar indícios sobre a mudança do seu eu interior. Tal assertiva se refere ao fato de o personagem se colocar no lugar do outro, da sua paciente, defendendo-a do próprio pai, e ainda lançar mão de conselhos. No entanto, o narrador fornece informações capazes de provar o contrário:

Quando os clientes saíram, Eugênio escancarou a janela, sorveu demoradamente o ar fresco da tarde. De certo modo, sentia-se alegre. Começava a tomar a vida pelos ombros e tentava beijá-la na face, como lhe aconselhava Olívia. Era um beijo de sacrifício, que ele dava ainda com alguma repugnância, num desfalecimento de medo, violentando a sua natureza mais íntima. E ele sabia – se sabia! – que um dia, não muito remoto, ele ainda beijaria com amor essa mesma vida incoerente, sórdida, brutal e, apesar disso, ou talvez por isso mesmo, bela. (VERISSIMO, 2005, p.188)

A satisfação de Eugênio ocorre em virtude da observância dos conselhos de Olívia e, ao mesmo tempo, da esperança em resgatar a si mesmo da vida de insatisfações. A carreira médica leva-o a um verdadeiro sacerdócio, fazendo-o suportar, no dia a dia, as problemáticas dos pacientes em paralelo às problemáticas internas. Porém, como se observa no excerto, ele não cogita o fracasso e se tornar uma pessoa melhor, no seu entender, é uma meta atingível. Nesse sentido, de acordo com a tipologia lukacsiana, o herói do idealismo abstrato não leva em consideração o fracasso, dedica-se às ações com afinco para alcançar a meta desejada.

É importante destacar que Eugênio se relaciona com os demais personagens da narrativa no ambiente urbano de Porto Alegre. A cidade está em pleno desenvolvimento e, na nova fase, ele não vive no círculo social da casa dos Cintra. Como médico, o personagem passa a ter contato com pessoas menos favorecidas financeiramente, acompanhando, de perto, os dramas humanos. A crítica tece considerações sobre os romances de Verissimo da década de 30:

O romance de raiz urbana, pondo em cena as personagens inter-relacionadas por coincidências, casualidades, impressões passageiras ou distorcidas pelo inconsciente, debate-se com um problema compositivo, que é o de como figurar a vida individual posta em comum pela circunscrição da cidade. A solução geral é centralizar a narrativa numa hierarquia, com um ponto dominante, uma ou duas personagens centrais que coordenam as relações das demais com as suas vidas. (BORDINI, 2015, p.94-95)

Eugênio se relaciona com os demais personagens e o espaço serve como pano de fundo para a representação da sociedade urbana e suas problemáticas. Um lugar de destaque,

representativo na vida do protagonista é o Megatério: “De algum modo aquele edifício se achava ligado ao seu caso sentimental, aos seus problemas íntimos, à carta de Olívia.” (VERISSIMO, 2005, p. 190). Eugênio e Felipe estão, de certa forma, em contraposição. Eugênio possui um complexo de inferioridade e a ascensão social almejada na infância é conquistada apenas pelo casamento. Felipe, ao contrário, conquista sucesso e riqueza pelos seus esforços, e o Megatério é a concretização dos seus objetivos. Eugênio também recorda da carta de Olívia, da crítica à ambição de Felipe.

A narrativa promove o reencontro entre Felipe e Eugênio e mais uma vez o personagem é instigado a se posicionar. Tudo começa quando ele encontra o casal Dora (filha de Felipe) e Simão em frente ao Megatério. Eugênio consegue perceber algo errado com o rapaz: “O rapaz estaria ruminando não só as suas próprias dores como também as dores dos de sua raça e - quem sabe? – as dores da humanidade inteira.” (VERISSIMO, 2005, p.190). Eugênio conhece os dois e sabe da dificuldade de aceitação, no meio social, de um casal formado por uma moça rica e um judeu. Além disso, as classes dominantes de *Olhai os lírios do campo*, a exemplo da família de Dora, têm aversão à presença dos judeus no Brasil. E Eugênio questiona:

Que é que você tem, Simão? – perguntou Eugênio com ar profissional. E no instante mesmo em que fez a pergunta não pôde fugir a um sentimento de autoaplauso. Porque falara num tom de voz humano, dando -parecia-lhe - a impressão de quem quer realmente ajudar.” (VERISSIMO, 2005, p.191)

O narrador revela a artificialidade de Eugênio, comprovando, até então, a ausência de uma mudança interna. Simão é vítima de um discurso contra os judeus, iniciado por um professor na faculdade, e teme ser suspenso. O diálogo se estende entre Eugênio e o casal e, de fato, a dor de Simão abarca todo o seu povo. Na tentativa de ajudá-los, o herói chega a falar com Felipe sobre Dora, e questiona: “Quem é que ocupa um lugar maior no teu coração? Ela ou o Megatério?” (VERISSIMO, 2005, p. 201). No entanto, as palavras do protagonista não surtem o efeito desejado pois, para Felipe, Dora tem ao alcance das mãos todos os recursos disponíveis que o dinheiro pode oferecer.

Felipe Lobo é caracterizado como um engenheiro frio, ambicioso, insensível e pouco dedicado à família. Não por acaso Erico Verissimo parece tê-lo retratado dessa forma. O autor parece ter escolhido o personagem de Felipe Lobo para concentrar os traços do capitalismo desumano. (MEIRELLES, 2008, p.71)

A narrativa coloca, mais uma vez, o cruzamento da vida de Eugênio com a de Felipe. Isso porque, Dora e Simão procuram Eugênio no consultório e, ao examiná-la, constata a

gravidez de três meses. Dora tem apenas treze anos e Simão enxerga, como única alternativa, Eugênio fazer um aborto. Porém, ele não concorda e tenta convencer Dora a seguir com a gravidez, valendo-se da vida de Anamaria, sua filha, e Simão se pronuncia:

- Ele tem coragem de falar na filha! Chega a ser engraçado... A filha que ele conheceu só quando ela tinha quase três anos... A filha que ele fez num momento de egoísmo e de animalidade, como eu... - Eugênio tinha a impressão de que o apunhalavam pelas costas. – A filha que a outra teve, que a outra criou em silêncio, enquanto ele, o moralista... (VERISSIMO, 2005, p.243)

As palavras de Simão abalam Eugênio e atingem diretamente os valores autênticos da sua interioridade, sua motivação. Apesar disso, o médico insiste em proteger Dora, mas não consegue falar com Felipe ao telefone, não usa de violência para deter o casal no consultório e, dessa forma, deixa-os ir. Tragicamente, Dora morre em razão do aborto e Eugênio, desde então, fica sem esperanças.

O estímulo e a alegria haviam desaparecido do mundo e, pior que tudo, Olívia mesmo parecia ter desertado de sua vida.

Eugênio procurava reagir contra esses pensamentos, esforçava-se por afugentar o pessimismo e a dúvida, pois sentia que entregar-se a eles seria trair a memória de Olívia. (VERISSIMO, 2005, p.251)

O personagem se esforça para vencer o desânimo e resgata Olívia em sua memória, mas não encontra força suficiente para suplantar os pensamentos negativos. No entanto, em dado momento, ele vai ao teatro. No espetáculo, sem perceber, começa a ri e a alegria o leva a refletir sobre a vida. É o primeiro momento, em toda a narrativa em que ele sorri e, na saída do teatro, já entregue aos pensamentos, chega a cantar. Aos poucos, ele reaviva a memória e retoma os valores humanitários de Olívia.

Dr. Seixas sempre acompanha Eugênio no exercício da medicina e na relação de amizade e o conhece com profundidade. Ao perceber a melhora de Eugênio, o médico questiona: “- Viu um passarinho verde?” (VERISSIMO, 2005, p.255). Nesse momento, o enredo apresenta um longo diálogo entre os dois. Nele, Eugênio demonstra euforia, bom humor, e começa a falar dos pacientes como “(...)velhos conhecidos de livros” (Idem): “- Fausto... por exemplo. - Tomou uma das fichas. Cá está ele. Sei que não volta mais. Desenganei-o. Mas tomei o nome verdadeiro do homem, a idade e duas notas sobre o caso. -Largou a ficha. Apanhou outra. - Este aqui é Hamlet. E ontem falei com Pigmalião.”¹¹(Idem). Eugênio explica

¹¹ O personagem cria uma correlação entre os pacientes e os personagens das obras: *Fausto*, de Goethe; *Hamlet*, de William Shakespeare e *Pigmalião*, de Bernard Shaw.

ao amigo os casos dos pacientes de acordo com as semelhanças dos personagens da literatura e recebe, em contrapartida, desdém.

Dr. Seixas é um homem simples e a empolgação de Eugênio, a sua satisfação em encontrar a felicidade, promove vários questionamentos: “Me diga uma coisa. Você vai mesmo salvar a humanidade?” (VERISIMO, 2005, p.266). Eugênio relembra as palavras de Olívia sobre o Sermão da Montanha, e tenta mostrar ao amigo uma visão esperançosa sobre a vida. Em contrapartida, o Dr. Seixas provoca o personagem e coloca em xeque se há ou não uma mudança interna. O médico é bem mais velho que Eugênio e suas impressões sobre a vida refletem a experiência particular, fazendo que conheça, com afinco, os dramas humanos.

Passaram por um longo muro onde havia escrita de maneira rude uma legenda de ódio.

- Olhe isso aí... - disse Seixas. - É muito mais fácil arrastar um povo acenando-lhe com uma bandeira de ódio do que com uma bandeira de amor. Há mais ímpeto, mais... mais força no ódio. O ódio é masculino, o amor é feminino. É mais fácil levar homens à guerra do que à oração. (VERISSIMO, 2005, p.268)

Dr. Seixas demonstra a presença de forças opostas, e o ódio prepondera, pois contagia a sociedade de maneira mais fácil. Eugênio tenta desconstruir o pessimismo do colega com a inserção de valores nobres, religiosos, tomando a si mesmo como exemplo, mas não o convence.

Seixas parou, pegou o braço de Eugênio. - Você falou em Jesus Cristo... Não vou nessa história de levar uma tapa numa face e oferecer a outra. Se alguém me desse uma bofetada eu respondia-lhe com um tapa-olho.

- E depois?

- Depois... ficava aliviado, me aproximava do homem e dizia: “Deixe o vovô ver o dodói.” E botava carne crua ou arnica, conforme o caso. É, Genoca, tudo isso são sonhos...

- Mas um sonho deixa de ser apenas um sonho no dia em que alguém o realiza.

- Vida é vida. História da carochinha é história da carochinha. Você está na casa dos trinta. Ainda pode sonhar. Escute o que lhe vou dizer. Torne a pensar nessas coisas quando tiver cinquenta anos. Nesse tempo, a minha carcaça já estará debaixo da terra. Não poderei ouvir a sua opinião. Não faz mal. Olhe. Saia sozinho uma noite como esta e diga assim: “Dr. Seixas: você era uma besta mas tinha toda a razão. É possível que em alguma parte eu esteja escutando... (Idem, p.269)

As visões contrapostas dos personagens evidenciam a tentativa de um convencer o outro sobre a vida. Dr. Seixas, sempre com tom irônico, atribui aos sonhos de Eugênio um caráter utópico. Dessa forma, Dr. Seixas esclarece a ele, o caráter intangível das palavras em oposição às ações práticas do cotidiano. Mas Eugênio não quer ser convencido, deseja apenas cumprir com o seu propósito.

Segundo o filósofo, “O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo (...)” (LUKÁCS, 2005, p. 82). Ao aceitar os direcionamentos de Olívia para a vida, Eugênio dá vazão às ações para se tornar uma pessoa melhor na esperança de aliar a sua interioridade ao mundo. No entanto, ao pensar que atinge a completude, seu eu interior vem à tona.

- Ai, pai! Tu vai desmanchar os meus bucles. Eugênio contemplou-a longamente. Sentia-se feliz e em paz com a vida. Quisera que aquele momento leve e luminoso não tivesse fim. Mas sabia como ele era frágil, frágil... Fugia de analisá-lo. Sentia no fundo do espírito a presença de um pensamento escuro, que estava à espreita... Era preciso não deixar que ele subisse à tona. (VERISSIMO, 2005, p.272)

De fato, o herói sente a felicidade e a paz. Apesar disso, ele sabe, tem consciência da transitoriedade daqueles sentimentos e, por isso, não pode esmorecer e aguardar que seu lado mais sombrio venha à tona.

(...) não bastava que ele se sentisse feliz, que tivesse Anamaria a seu lado, corada, alegre, bem vestida e bem alimentada... Era preciso pensar nos outros e fazer alguma coisa em favor deles... Por que não começar algum trabalho em benefício das crianças abandonadas? Dar-lhes alimentação adequada, boas roupas, higiene, instrução, assistência médica e dentária, colônias de férias, oportunidade de se divertirem, de serem alegres... Aí estava um grande plano. Tinha a certeza de que Seixas o ajudaria. (VERISSIMO, 2005, p. 273)

Ao final da jornada, Eugênio ainda se sente fragmentado e é preciso buscar novas metas. O trecho mostra o planejamento de novas realizações a serem cumpridas por Eugênio, colocando-o mais uma vez em ação. Para Lukács, o herói do idealismo abstrato prioriza as ações, desconsiderando as reflexões. Eugênio cria metas para si mesmo e, quando as atinge, cria novas metas, e assim sucessivamente, porque a harmonia entre a alma e o mundo não ocorre, resta apenas a frustração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o exposto neste trabalho, a categoria analítica personagem pode ser explicada à luz do entendimento de Lukács. Para o filósofo, o gênero romanesco se distancia do gênero épico porque o mundo moderno é um lugar abandonado pelos deuses. Partindo dessa premissa, o herói do romance é um ser solitário e busca realizações individuais, distancia-se, portanto, do herói épico, cujo objetivo é voltado para a coletividade.

Dito isso, a análise do romance *Olhai os lírios do campo* se restringiu a investigar o personagem Eugênio, levando em consideração o seu “caráter problemático” e a sua jornada heroica. Para tanto, ao observar a tipologia lukacsiana, foi possível encontrar em Eugênio características pertencentes ao idealismo abstrato, porque predominam as ações. Ele deseja encontrar o equilíbrio entre a alma e o meio social e escolhe quais caminhos deve trilhar. Ao final, não logra êxito.

É possível observar a autenticidade do herói. A motivação para a prática de ações se baseia no amor a Olívia, a Anamaria e a si mesmo. Olívia lança uma proposta para que Eugênio supere seu complexo de inferioridade e mude a visão de mundo. De fato, o personagem acolhe a proposta e coloca em prática os direcionamentos de Olívia. Eugênio abre mão do conforto e prestígio para atender os mais necessitados e cuidar da sua filha. O personagem passa por diversas situações e o seu eu interior reflete os momentos de altos e baixos.

O herói se relaciona com vários personagens e pode contar com a presença do amigo e colega de profissão, o Dr. Seixas. O amigo sempre se posiciona diante de Eugênio para questioná-lo, oferecer auxílio e apresentar uma visão pessimista sobre a vida. Em paralelo aos acontecimentos, o narrador fornece elementos comprobatórios de que a mudança interna do personagem não se realiza.

Assim, foi possível concluir que o presente estudo buscou uma leitura possível do romance *Olhai os lírios do campo* à luz da teoria desenvolvida por George Lukács, atribuindo ao personagem o caráter problemático. A partir da tipologia lukacsiana, encontramos elementos para caracterizá-lo como pertencente ao idealismo abstrato do começo ao fim da narrativa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Márcio Miranda Alves. “Querida filha, queridos pais: o uso da carta na ficção de Erico Verissimo. In **Letrônica: Revista de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**. v.8, n.1, p.182-194. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2015. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/19613/13431> > Acesso em 15 de setembro de 2022.
- BESSA, D. B. **O discurso religioso em Olhai os lírios do campo**. 2000. 140f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria, 92.ed. São Paulo: Editora AveMaria, 1994.
- BORDINI, M. da G. (2015). Erico Verissimo nos anos 30: o contraponto e a forma da cidade moderna. In **Teresa: revista de Literatura Brasileira**. n. 16, p.91-102. São Paulo:USP, 2015. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/115417> > Acesso em 01 de março de 2022.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1980. p. 71-85.
- CHAVES, F. A conquista do realismo. In: Verissimo, E. **Olhai os lírios do campo. Prefácio**. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- KANTORSKI, E.L. **A mulher e a cidade: as representações femininas no romance de Erico Verissimo na década de 1930**. 2011. 222f. Tese (Doutorado em Teoria Literária)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- LACERDA NETO, A. A. **Dom Quixote e Fogo Morto: Um estudo comparado**. 2006. 95f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- LUCAS, Fábio. CHAVES, Flávio Loureiro. O romance de Erico Verissimo e o mundo oferecido. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). **O contador de histórias: quarenta anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre: Globo, 1980. p. 144-157.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2º ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.
- MACEDO, J.M. Posfácio do tradutor. In: Lukács, G. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Pós-fácio**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2º ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.
- MARCON, D., ARENDT, J. C. (2016). “Erico Veríssimo não é um romancista de 30”: entrevista com Flávio Loureiro Chaves. Cadernos Literários, v.23, n.1, p.119–128. Rio Grande do Sul: UFRS, 2015. Disponível em: < <https://periodicos.furg.br/cadliter/article/view/5484/5897> > Acesso em: 05 de dezembro de 2022.

2022.

MEIRELLES, R.C. R. **Um retrato da atmosfera urbana de Porto Alegre: as camadas médias urbanas na literatura de Erico Verissimo**. 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) -Universidade Federal Fluminense, Niterói.

OLIVEIRA, S.M.L. **Mémoires Póstumas de Brás Cubas: Um estudo sobre a problematização do herói machadiano**. 2021. 100f. Dissertação (Mestrado em Literatura, Teoria e Crítica) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SAGRILO, S. G. **A recepção de Olhai dos lírios do campo de Erico Verissimo por leitores da Bíblia**. 2005.128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SANTOS, M.C.F. **O esquecimento na produção romanesca de Erico Verissimo**, 2020. 206f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TAMIOZZO, V. **A subjetivação no romance moderno: um estudo de Olhai os lírios do campo**. 2012. 50f. Monografia (Curso de Letras- Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas)- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí.

VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. São Paulo: Companhia das Letras, 4.ed. 2005

VERISSIMO, E. Olhai os lírios do campo. In: Verissimo, E. **Olhai os lírios do campo. Prefácio**. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.